

INCITAÇÕES DA (I)MATERIALIDADE NAS EXCEPCIONALIDADES DA PAISAGEM E DO LUGAR: UM CONVITE PARA (RE)POSICIONAR AS GEOGRAFIAS CULTURAIS

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior¹

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar**: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades. Montes Claros: Letramento, 2023. 790 p. ISBN 978-65-8813-08-9.

Fruto de um longo esforço intelectual de desobediência epistêmica por uma matriz híbrida, o livro “A excepcionalidade da paisagem e do lugar” é uma incitação de Leonardo Luiz Silveira da Silva para que nós, geógrafos culturais, repensemos alguns de nossos arcabouços conceituais hegemônicos. Sem se acorrentar a uma perspectiva, ele transita por maneiras de ver e ler o mundo por meio de tessituras teóricas que me desafiaram, na condição de leitor, a redobrar minha atenção.

Quando iniciei minha leitura da obra, cometi o ledô engano de o fazer por meio da versão digital na tela de meu computador. No mais tardar das primeiras páginas da introdução, fui tomado pelo ímpeto de imprimir o livro e corrigir o meu equívoco. Precisava costurar anotações, observações e

¹ Professor temporário da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e formador da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/EaD). carlosroberto2094@gmail.com.

✉ Bloco J12 (DGE), Av. Colombo, 5790, Bairro Jd. Universitário, Maringá, PR. 87020-900.



grifos que demandavam a tutilidade e a atenção do olhar para o papel. A paisagem dessa tarefa (*taskscape*) permeada pelo escrever nas beiras das folhas vitimou uma caneta que, como em raras ocasiões, teve sua tinta esgotada antes que fosse surrupiada ou perdida.

Longos parágrafos, adensados por sobreposições de ideias e autores, se encadeiam para dinamizar os argumentos mobilizados pela empreitada de Silva. Eles perpassam pela fenomenologia, pós-fenomenologia, materialismo histórico e dialético, pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-estruturalismo, teorias não-representacionais, teoria ator-rede, dentre várias outras vertentes epistemológicas. Como o próprio autor elucidada, trata-se de uma reafirmação da pluralidade que resulta em uma organização do “pensamento de forma quimérica” (Silva, 2023, p.53).

Isso não é feito, contudo, ignorando os arcahouços precedentes. Há um trabalho significativo de busca das fontes primárias basilares das geografias culturais. Há exposições que retomam a morfologia da paisagem de Sauer, as querelas em torno do conceito de cultura na Nova Geografia Cultural, as tensões referentes às proposições da pós-modernidade, assim como várias outras questões convergentes.

Para além do banal e do estabelecido, das reificações que por vezes reproduzimos em nossas pesquisas, Silva nos desafia a transcender as barreiras disciplinares e epistemológicas. Em tal direcionamento, a obra salienta as porosidades das paisagens para abordagens inter e transdisciplinares. Ao realizar tal empreitada, o autor erige pontes com a sociologia, a filosofia, a ciência política, a história e muitos outros campos do conhecimento em uma trama que enovela desde os conflitos internacionais até o folclore.

Para investigar esses nexos dinâmicos de reconstruções e metamorfoses que entremeiam geografias afetivas, ao longo da obra são recorrentes os chamamentos à pintura e à literatura. Por meio das artes, o autor borda tessituras de relacionalidades em que a paisagem e o lugar são compreendidos como extrusões (geo)poéticas que elucidam a arquitetura teórico-metodológica postulada pelas páginas do livro.

Entremeio às bibliografias semeadas no decorrer das argumentações, não são incomuns as passagens em que o aventureiro leitor é levado à seção de referências para saciar sua curiosidade sobre um dos múltiplos textos mencionados. Eles se distinguem, em maior parte, dos referenciais estabelecidos e recorrentemente citados no fazer geográfico lusófono. De fato, são mormente conformados pelo repertório anglófono de uma pluralidade caleidoscópica de posicionalidades teórico-metodológicas e temáticas ainda não traduzidas para a língua portuguesa.

Raras são as referências que passam incólumes pelo olhar crítico de Silva. Sua leitura esmiuça contradições, contrapontos e limitações em cada artigo, capítulo ou livro citado, os infundindo de instigantes questionamentos.

Ele nos propõe um rompimento irreverente com alguns cânones estabelecidos e convoca-nos a posicionarmos a intersubjetividade como fio de Ariadne para a compreensão da excepcionalidade da paisagem e do lugar.

Cada um dos 23 capítulos conforma uma experimentação que se assemelha a uma variação eidética em que a obra nos urge a refletir sobre convergências experienciais. Ao se debruçar sobre a paisagem e o lugar, dois dos conceitos mais polissêmicos do conhecimento geográfico, há um esforço hercúleo de demonstrar a dinâmica caleidoscópica de conceituações, aplicações e noções que perdura em um contínuo crescendo teórico na trajetória percorrida entremeio às 788 páginas.

O primeiro capítulo, “Considerações iniciais sobre a paisagem”, com quase uma centena de páginas, é uma montanha que o leitor precisa escalar para poder, do cume, compreender o escopo da proposição de Silva. É desse topo que podemos vislumbrar a complexidade conceitual costurada ao longo das seções posteriores, pois ele conflui os postulados basilares para a apreensão das inúmeras problematizações acerca da excepcionalidade da paisagem e do lugar.

Embora a discussão sobre a conceituação de lugar situe vários pontos interessantes, especialmente quando se envereda às questões referentes à finitude e ao topocídio, a protagonista efetiva do livro é a paisagem. Ela emerge como conceito-condutor que pluraliza as discussões e aciona interfaces teóricas. Acredito ser essa uma grande contribuição da obra, pois há escassos esforços de fôlego similar na escavação desse conceito na bibliografia lusófona da Geografia Humana.

Lida por intermédio das influências dos geógrafos culturais pós-sauerianos, a paisagem emerge como texto, relação, significado e discurso que se expressa com fronteiras e limites espaço-temporalmente porosos. Há múltiplas paisagens que são (re)feitas continuamente pelas práticas das geografias do que acontece e pautadas pelos princípios da polivocalidade. Como representações e fenômenos vividos, as paisagens são partícipes de teias relacionais que entrelaçam variadas entidades.

Como leitor, tive o deleite de viajar com Silva por *taskscapes*, *signscapes*, *mythscapes* e múltiplas outras variações emergentes das experiências, por vezes trágicas ou inesperadas, das paisagens. São experimentações que perpassam por temáticas diversificadas, tais como: globalização, pintura, literatura, romantismo, orientalismo, colonialismo, militância, patrimônio, monumentos, arquitetura, emoções, racismo, imaginação, folclore, religião, região, pós-modernismo e tantos outros. Articuladas de modos criativos e inventivos, elas desvelam mundos de manifestações paisagísticas que elucidam transitoriedades, transformações e atravessamentos de significações dinâmicas que superam perspectivas estanques.

A **trajeção**, conceito de Berque, realiza uma costura (i)material das paisagens e dos lugares no pensamento de Silva. Recorrente ao longo dos capítulos, ela explicita um modo de “compreender a indissociabilidade entre mente e matéria: as ideias impactam na materialidade que inspira, por sua vez, as ideias” (SILVA, 2023, p.691). Como horizonte **onto-cosmo-lógico**, a proposta da obra evoca a pluralidade de correlações possíveis nas emergências das geograficidades.

Mais que uma soma de mente e matéria, a perspectiva da **trajeção** inspira Silva a situar a paisagem e o lugar por meio de uma abordagem plural e radicalmente porosa às relacionalidades. As análises realizadas transitam por contextos espaciais diversificados que transcendem os dualismos modernos rumo a formas de compreensão em misturas alquímicas que borram fronteiras e limiares interpretativos.

Baseada em referenciais pluralizados, a obra tece críticas certeiras à maneira pela qual muito da Geografia Cultural lusófona ainda reverbera o dualismo sociedade-natureza por meio de paradigmas descritivistas. Ao esparsamente incorporar discussões da virada cultural em geografia que propuseram complexificações da paisagem como texto caleidoscópico, permanece-se com residualidades sauerianas, como o pleonasma da recorrente expressão **paisagem cultural** – assim como outras divisões das paisagens que reforçam a cisão entre material e imaterial ou cultura e ambiente.

A inquietação de Silva parece advir da verve de problematizar a aceleração do vir-a-ser-paisagem no/do mundo contemporâneo. Ele nos incita a questionar como esse dinamismo (i)material impele geografias transitórias emergentes do devir. Embora, como ele afirma, “não cremos que a paisagem seja uma entidade geográfica passível de ser compreendida em sua totalidade” (SILVA, 2023, p.220), penso que as trilhas postas em ordem na costura textual nos ajudam a vislumbrar suas virtualidades explicativas e como elas envolvem sinestésias, simbolismos e (mais-que-) representações.

O livro é também um convite a ingressar em uma discussão acerca das temporalidades das paisagens. Ele ressalta como futuro(s) e passado(s) nela se entrelaçam, conformando excepcionais arranjos de geograficidade. Para tanto, ele perpassa por teóricos da historiografia contemporânea para explicitar a dinamogenia explicativa dos conceitos e da própria noção de tempo.

Entre essas proposições, considero particularmente evocativa e inovadora a ideia da paisagem como potencial constructo **temporalmente adiado**, tomando de empréstimo e geografizando o conceito de Bhabha. Ao incumbir a paisagem da discronia, ele situa uma forma de posicionar a temporalidade intensiva na extensividade da realidade geográfica, de maneira a potencializar a leitura de rupturas cronológicas que emergem como extrusões paisagísticas.

Outrossim, Silva traz importantes arcabouços conceituais dos estudos mais-que-representacionais (ou não-representacionais) que possuem esparsas publicações em língua portuguesa e pouca reverberação no Brasil. Acredito que a introdução a esse campo (ou virada) também demarca a importância da obra, pois ajuda a elucidar um horizonte conceitual que ainda é estranho para a maior parte dos geógrafos lusófonos.

A incorporação do baluarte analítico mais-que-representacional é evidente em seu foco nas *assemblages*, nas *affordances*, nas performances e nos afetos interpretados entre as múltiplas manifestações das paisagens analisadas. Ele procede por essa vertente ao operacionalizar esses conceitos rumo à avaliação de guerras, patrimonializações, espetacularizações e outros processos do mundo contemporâneo.

Silva realiza instigantes discussões que enovelam a incorporação das leituras geográficas da paisagem à teoria ator-rede latourniana, muito próxima das geografias mais-que-representacionais anglófonas. Por meio dela, ele evoca estruturações plurais de emergências contextuais em redes de agenciamentos.

Por intermédio dessas teorias, o autor almeja enovelar uma trama que infunde o olhar paisagístico para a observação das inúmeras teias de actantes humanos e não-humanos entrelaçados em densas *assemblages* que permeiam as **geografias do que acontece**. São atmosferas, pessoas, locais e objetos que se arranjam em articulações conscientes, planejadas, inesperadas ou aleatórias de espacialidades existenciais.

É esse o caso quando Silva expõe os afetos dos Estados-nação e suas reverberações (in)diretas nas paisagens e lugares por eles constituídos, de forma a cerzir tecidos da geopolítica, da geografia política e da geografia sociocultural em um todo bordado por convergências interpretativas. Em uma de suas análises, por exemplo, ele interpreta as contradições do nacionalismo reacionário e neofascista de Jair Bolsonaro e sua geografia simbólica pautada nas teias de actantes envoltas ao mito da comunidade imaginada pelas paisagens e lugares do Estado-nação moderno.

Nesse processo, Silva situa uma *assemblage* em que as bandeiras nacionais são actantes não-humanas de paisagens nacionalistas e/ou ufanistas hipertrofiadas na recente (re)ascensão da extrema direita pelo mundo. Por meio dos afetos e das agências desses objetos, são criadas verdadeiras atmosferas afetivas que difundem ideários políticos e ideológicos que culminam nas práticas corporificadas das violências totalitaristas semelhantes a que vivenciamos na invasão do Palácio dos Três Poderes em Brasília/DF no 8 de janeiro de 2023.

Os exemplos utilizados em outras partes da obra também desvelam a atualidade dos debates sobre a paisagem como modo de ver os fraturamentos sociopolíticos. Ao salientar a destruição de monumentos em movimentos como o *Black Lives Matter* nos Estados Unidos da América e a ignição da estátua do Borba Gato em São Paulo/SP, ele desvela a temporalidade intertextual das grafias das paisagens e seus rebatimentos no racismo, no sexismo e em outras formas de espoliação hodiernas.

Essas análises demonstram as potencialidades das abordagens culturais em geografia para decifrar as condições socioespaciais do mundo contemporâneo. Para além de visões totalizantes e de “tirantias paradigmáticas” (expressão originada em artigo de Amorim Filho), o livro nos convoca aos desafios de sincronias e discronias pluritópicas. São polivocalidades de significados, afetos e sentidos que incluem e transcendem as representações e que podem ser entendidas pelas complexas teias de arranjos heterogêneos – *assemblages* – progenitoras das paisagens e dos lugares.

Cada qual em sua condição de emergências das experiências geográficas, os múltiplos conceitos evocados colaboram na elucidação de geografias mais-que-representacionais de aconteceres sobrepostos. Esses fenômenos suscitam olhares atentos às dinâmicas afetivas que por eles perpassam. Ao propor uma perspectiva mais libertária dessas noções, ele aponta que “a intersubjetividade é o caminho mais assertivo para a abordagem paisagística” (SILVA, 2023, p.461). Para tanto, não há uma fórmula ou modelo pré-definido que resolva a intermediação desse conceito na condição de algo pronto ou acabado.

Em simetria analítica às paisagens, “não há lugares sem caminho, assim como não há caminhos sem lugares” (SILVA, 2023, p.195). Há uma reciprocidade de embaralhamentos caleidoscópicos que entrançam espaços e tempos em tessituras complexas e excepcionais permeadas pelas intersubjetividades feitas e desfeitas pelas teias de afetos humanos e não-humanos. São materialidades e imaterialidades que se embaraçam em indissociabilidades dialéticas em perene (re)construção.

Nas condições fluídas de *assemblages*, o autor nos inquieta a pensar os lugares e as paisagens como tramas complexas de relações que entrelaçam múltiplos actantes. Ao permitir a intermediação discursiva e a diversidade de interpretações, esses conceitos confluem em quimeras espaço-temporais que irradiam afetos mais-que-humanos. Pela dimensão da intertextualidade, Silva defende que a excepcionalidade desses conceitos reside em serem formas particulares de apreender o mundo e a realidade geográfica em suas performances, afetos e relacionais.

A insubordinação epistemológica e a densa criticidade teórico-conceitual enoveladas por Silva influem por um necessário fôlego na busca pela renovação do pensamento geográfico em língua portuguesa.

Desse modo, acredito que o livro é uma contribuição ímpar para o repertório das abordagens culturais em geografia em função de sua atualidade e irreverência. Mais que uma exposição linear, há uma irradiação multi-escópica de reflexões rumo à compreensão da pluralidade dos mundos e das realidades geográficas que nos inquieta rumo a busca por outros modos de fazer geografia.

Trata-se de uma obra especialmente incontornável para quem tenha o ímpeto de navegar pelos nebulosos mares da interpretação da paisagem na Geografia Cultural. Pondero que aqueles que estiverem dispostos a se aventurarem

entre as páginas e ideias de “A excepcionalidade da paisagem e do lugar” irão se surpreender com os caminhos das **trajecões** para, no mínimo, nos inquietar acerca dos limites da extensividade, da percepção e da representação.

Em relação ao repositório acadêmico brasileiro, penso que se trata de um marco na busca por trilhas para problematizar outras tramas possíveis para as práticas dos geógrafos. Como espero ter demonstrado nessa resenha, trata-se de um livro que traz inúmeros conceitos, teorias e ideias que nos encaminham a reposicionar as maneiras pelas quais praticamos geografias culturais. 